



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II

CONCURSO PÚBLICO
EDITAL 47/2014

CADERNO DE QUESTÕES

PORTUGUÊS

PORTUGUÊS

Texto I

O homem; as viagens

- O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
05 toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
10 coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.
Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
- 15 Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
20 civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
- Claro — diz o engenho
25 sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto — é isto?
idem
30 idem
idem.
- O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
35 repetir o inquieto
repetitório.
- Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
40 só para tiver?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
45 espanhol domado.

- Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
- 50 Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
- 55 do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
- 60 o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
- (ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. In: *Nova reunião: 19 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.)

Texto II

Os lusíadas (fragmento)

- No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade *avorrecida*!
- 05 Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?
(CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

01

Ao referir-se ao verso de Camões, o eu lírico do texto I, já na abertura do poema, concretiza uma relação intertextual que

- A) subverte o sentido original, uma vez que se pode depreender da leitura integral do poema o sentido irônico com que foi empregado o verso.
- B) reitera o sentido original, por confirmar o caráter heroico do homem, capaz de conquistar os mares no século XV e o espaço sideral no século XX.
- C) reitera o sentido original, por enaltecer a coragem aventureira dos nautas do século XV e dos astronautas do século XX.
- D) subverte o sentido original, embora a leitura integral do poema permita afirmar o caráter heroico desse “bicho da Terra tão pequeno”.

02

O processo de humanização do espaço, segundo análise do texto I, mostra-se frustrante e tedioso, levando o homem a uma busca insaciável de novos deslocamentos, de novas conquistas.

A metáfora que melhor ilustra a figurativização desse processo aparece no verso

- A) “planta bandeirola na Lua” (v. 8).
- B) “humaniza Marte com engenho e arte.” (v. 21).
- C) “O homem funde a cuca se não for a Júpiter” (v. 32).
- D) “O espaço todo vira Terra-a-terra.” (v. 38).

03

Percebe-se, no trabalho com a linguagem poética, que Drummond, em “O homem; as viagens”, incorpora recursos da poesia concreta e seu experimentalismo verbal.

É exemplo da afirmativa acima

- A) a criação de neologismos como “tever”, com o intuito de criticar a modernidade.
- B) a (des)montagem de palavras, que são assim ressignificadas, promovendo simultaneidade de sentidos.
- C) a valorização do espaço gráfico, para que se construa uma imagem do objeto-poema.
- D) a desconstrução do verso como linha melódica, para que se possa explorar a concretude do signo.

Texto III

Lisbon revisited

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

- 05 Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
- 10 Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

- 15 Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

- 20 Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

- 25 Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho,
Já disse que sou só sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –,
Eterna verdade vazia e perfeita!

- 30 Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflecte!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...

- 35 E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.)

04

Álvaro de Campos, entre as múltiplas vozes poéticas de Fernando Pessoa, pode ser considerado o heterônimo que mais se inseriu no contexto histórico do início do século XX, traduzindo e refletindo a renovação estética proposta pelos movimentos de vanguarda.

No texto de Fernando Pessoa, a assimilação dos princípios da corrente futurista pode ser observada

- A) na fratura da consciência poética, dividida entre o aparato científico e os desvios da razão.
- B) na dicção áspera e imprecatória, para a qual contribuem o imperativo e as exclamações.
- C) no evidente niilismo, a partir do qual se decreta a falência da cultura burguesa e ocidental.
- D) na presença de anáforas e de metáforas inusitadas, que reiteram o individualismo moderno.

05

Os recursos estilísticos estão INCORRETAMENTE identificados em

- A) “Fora disso sou doido com todo o direito a sê-lo” (v. 14) (assonância e aliteração).
- B) “Queriam-me casado, fútil, cotidiano e tributável?” (v. 17) (gradação e metáfora).
- C) “Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!” (v. 32) (apóstrofe e paradoxo).
- D) “Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta” (v. 33) (anáfora e antítese).

06

Sobre os trechos “nada sois que eu me sinta” (v. 33) e “Não tardo, que eu nunca tardo” (v. 34), pode-se afirmar que

- A) no primeiro trecho, há uma oração principal e uma subordinada adjetiva; no segundo, duas orações coordenadas: uma assindética e outra sindética explicativa.
- B) o **que**, no primeiro trecho, retoma o indefinido **nada**, sujeito da oração principal, e, no segundo, introduz uma oração coordenada.
- C) há duas orações subordinadas introduzidas, no primeiro trecho, por um pronome relativo e, no segundo, por uma conjunção de valor causal.
- D) há uma oração principal e uma subordinada substantiva predicativa, no primeiro trecho; no segundo, uma oração principal e uma subordinada adverbial causal.

07

Pode-se afirmar que a ideia revelada no quarto verso do texto III está retomada no seguinte verso:

- A) “Eterna verdade vazia e perfeita” (v. 29).
- B) “Já disse que sou só sozinho!” (v. 26).
- C) “Enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho” (v. 35).
- D) “Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.” (v. 33).

Texto IV

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
05 Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
10 Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
15 Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
20 Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
25 Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
30 Tem telefone automático
Tem alcaçoide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
35 Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
40 Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. In: *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.)

08

O poema (texto IV) se estrutura a partir de uma oposição entre os advérbios lá e aqui. Do ponto de vista da enunciação, podemos afirmar que

- A) lá é anafórico e aqui é dêitico.
- B) lá é dêitico e aqui, anafórico.
- C) ambos são anafóricos.
- D) ambos são dêiticos.

09

Uma das principais características desse poema (texto IV) é o diálogo que mantém com outros textos e com outros discursos.

Assinale a opção cuja afirmativa **NÃO** se sustenta em função das possíveis leituras do texto.

- A) O tema da evasão em busca de um espaço almejado, ainda que sob perspectivas diferentes, permite aproximar o poema do Arcadismo brasileiro.
- B) A concretização de dois espaços – um relativo ao real rejeitado e outro relativo ao lugar idealizado – estabelece um diálogo com a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias.
- C) O desejo de fugir para Pasárgada e reviver a infância recupera a temática desenvolvida em “Evocação do Recife” e “Infância”, num processo intratextual.
- D) O tema da viagem e da fuga recupera integralmente a visão do Romantismo, cuja idealização lembra um *topoi* desse movimento.

10

Observe os seguintes versos extraídos do texto IV:

“Rosa vinha me contar” (v. 24)

“Quando de noite me der” (v. 36)

Em relação à colocação pronominal, a atitude do eu lírico, nos versos acima destacados, está adequadamente expressa na seguinte alternativa:

- A) Nas duas ocorrências, o eu lírico opta pelo registro mais próximo da variedade popular como forma de concretizar um dos princípios defendidos pelo Modernismo.
- B) Na primeira ocorrência, o eu lírico, por retomar o tema da viagem – tão caro à lírica portuguesa –, reproduz uma construção com tom lusitano, imbricando, assim, forma e conteúdo.
- C) Na primeira ocorrência, a sensibilidade linguística do eu lírico se deixa guiar pela idiosincrasia fonética da variedade brasileira.
- D) Nas duas ocorrências, a liberdade do eu lírico permite jogar com as múltiplas possibilidades de colocação, consubstanciando, assim, o projeto perseguido pelo Modernismo.

11

Das ocorrências do conectivo que no poema (texto IV), assinale a alternativa em que uma delas DESTOA das demais quanto às suas características morfossintáticas.

- A) “Na cama que escolherei” (v. 4).
- B) “Que Joana a Louca de Espanha” (v. 10).
- C) “Da nora que nunca tive” (v. 13).
- D) “Que no tempo de eu menino” (v. 23).

Texto V

No lar

*Terra da minha pátria, abre-me o seio
Na morte – ao menos.....*

Garrett

- I
Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –
- 05 No mar – de noite – solitário e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam
[...]
Eis-me na pátria, no país das flores,
10 – O filho pródigo a seus lares volve,
E consertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve! –
- Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
15 A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.
- Os mesmos campos que eu deixei criança,
Árvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
20 — Noiva enfeitada para o seu noivado! —
- Foi aqui, foi ali, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na várzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...
- 25 Acho agora mais seca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhaçu a laço!...
- Como eu me lembro dos meus dias puros!
30 Nada me esquece!... e esquecer quem há de?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Fala-me ainda dessa doce idade!
- Eu me remoço recordando a infância,
E tanto a vida me palpita agora
35 Que eu dera oh! Deus! A mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outrora!
[...]

(ABREU, Casimiro de. "No lar" IN: SIMPSON, Pablo et alii.
Antologia da poesia romântica brasileira. São Paulo:
Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.)

12

O tema da nostalgia da pátria consagrado no poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, é retomado em “No lar”, de Casimiro de Abreu. Sobre esse diálogo intertextual, é possível afirmar que

- A) Casimiro de Abreu, em “No lar”, retoma o poema de Gonçalves Dias em tom quase parodístico, uma vez que o aqui de “No lar” não equivale ao aqui de “Canção do exílio”.
- B) a paráfrase ao poema de Gonçalves Dias pode ser observada na exaltação da natureza pátria e na perfeita identificação entre “Ave sem ninho” e “Sabiá”.
- C) em “No lar”, a idealização da terra natal e a nostalgia da infância intensificam, em relação à “Canção do exílio”, a atmosfera intimista e autobiográfica, observada na poesia romântica.
- D) a identificação entre os dois poemas verifica-se na semelhança entre os versos “Em cismar sozinho à noite”, de “Canção do exílio”, e “No mar – de noite –solitário e triste”, de “No lar”.

13

Ao analisar a obra de Casimiro de Abreu, Antônio Candido ressalta que, apesar da expressão intensamente subjetiva de sua lírica, a paisagem na poesia do autor romântico apresenta concretude, sendo “despojada de qualquer hipertrofia”.

(CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 2. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.)

Assinale a alternativa em que o verso destacado exemplifica de modo inequívoco a observação do crítico.

- A) “– Lá vejo o atalho que vai dar na várzea...” (v. 23).
- B) “Árvores novas... Tanta flor no prado!...” (v. 18).
- C) “Eis-me na pátria, no país das flores” (v. 9).
- D) “Onde o sol como aqui tanto não arde” (v. 2).

14

Os poetas do Modernismo brasileiro estabeleceram um diálogo bastante profícuo com o Romantismo por meio de um processo simultâneo de desconstrução/reconstrução de elementos temáticos e formais. Considerando os poemas “No lar”, de Casimiro de Abreu, e “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, assinale a alternativa correta.

- A) Ao atualizar o tema da evasão romântica, Bandeira aborda também a dicotomia entre o presente e o passado; entre a criança e o adulto.
- B) O poema de Manuel Bandeira rompe com o texto de Casimiro de Abreu graças à carga de idealização que o poeta romântico agrega à infância.
- C) A métrica empregada por Manuel Bandeira afasta-o do poema de Casimiro de Abreu e, de certa forma, da produção poética romântica como um todo.
- D) O verso “É outra civilização”, na quarta estrofe de “Vou-me embora pra Pasárgada”, é um índice do afastamento temporal entre os dois poemas.

Texto VI

O retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o
Capibaribe, cortou com o verão

- Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
- 05 Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
- 10 cujas contas fossem vilas,
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
- 15 passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
- 20 há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
- 25 o fio de minha linha
nem que se enrede no pelo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
- 30 ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
- 35 como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
- 40 Tenho que saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.
Mas não vejo almas aqui,
- 45 nem almas mortas nem vivas
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria
- 50 quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. In: OLIVEIRA, Marly de (org). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.)

15

Sobre o trecho de *Morte e vida severina*, assinale a afirmação procedente.

- A) O poema, apesar de aliar rigor formal ao registro da temática de cunho social, afasta-se da herança mais imediata da narrativa neorrealista.
- B) O repertório das imagens no texto, fugindo à própria tradição cabralina, configura-se num plano mais abstrato, embora não onírico.
- C) O emprego recorrente da primeira pessoa e a dicção interlocutiva comprometem a objetividade típica de grande parte da obra de João Cabral.
- D) O ritmo e a métrica do poema, observados nos versos breves, atestam a filiação do poeta à tradição ibérica medieval.

16

Em relação ao plano formal e ao semântico do trecho de *Morte e vida severina*, assinale a afirmativa procedente.

- A) A metáfora do rosário, recurso imagético para sinalizar a viagem, encontra sua correspondência sintática particularmente nos mecanismos de subordinação.
- B) O emprego de dois pontos, além de sugerir as pausas no percurso do viajante, reforça, ainda, o caráter elíptico da linguagem de João Cabral.
- C) A rima assonante em /i/ contribui para o tom monocórdio do texto, mas não supre a ausência das rimas consonantais na construção rítmica do poema.
- D) A presença de formas verbais no futuro do presente e no futuro do pretérito, nos últimos versos, introduz no poema um tom reflexivo, garantindo a abrangência existencial do texto.

17

Em relação ao uso do que nos fragmentos “das vilas que vou passar” (v. 3) e “cidades que elas são ditas” (v. 6), é pertinente afirmar que

- A) o poeta se desvia, em ambos os casos, da norma-padrão no que se refere à regência, conforme proposta modernista de trazer a oralidade para a literatura.
- B) a ausência, nas duas estruturas, de preposições exigidas, respectivamente, pelos verbos passar e dizer garante a isometria dos versos.
- C) o pronome relativo exerce idêntica função sintática, mas a supressão da preposição ocorre apenas em uma das estruturas.
- D) o pronome relativo exerce, respectivamente, as funções sintáticas de adjunto adverbial e de predicativo do sujeito.

Texto VII

Fuga

Os meninos sumiam-se numa curva do caminho. Fabiano adiantou-se para alcançá-los. Era preciso aproveitar a disposição deles, deixar que andassem à vontade. Sinha Vitória acompanhou o marido, chegou-se aos filhos. Dobrando o cotovelo da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos; o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito.

05 (...) Os pés calosos, duros como cascos, metidos em alpercatas novas, caminhariam meses. Ou não caminhariam? Sinha Vitória achou que sim. Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele dizia não. Dentro de pouco tempo estaria magra, de seios bambos. Mas recuperaria carnes. E
10 talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beijo, duvidando. Sinha Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

15 — O mundo é grande.

Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande – e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? Zumbiu sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas sinha Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha
20 sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

— Vaquejar, opinou Fabiano.

Sinha Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que ideia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente
25 morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.)

18

Embora dando continuidade às propostas do Modernismo de 22, Graciliano Ramos, tal como outros romancistas da geração de 30, retoma elementos antes desprezados pelos primeiros modernistas e atualiza-os, evidenciando o processo de amadurecimento pelo qual passava a literatura na época.

Dentre as características típicas da prosa naturalista do século XIX recuperadas pelo romance regionalista de 30, em relação ao fragmento lido, NÃO procede

- A) a animalização do homem, que pode ser percebida tanto na utilização de verbos indicativos do que seriam falas do casal de retirantes, como no recurso da comparação para descrever os pés de Fabiano.
- B) a zoomorfização, evidenciada na visão de Fabiano, distinta da que tem sinha Vitória, acerca de suas crianças, pois, para ele, os filhos são vistos como seres desprovidos da capacidade de pensar e, por isso, aproximam-se de animais; para ela, não.
- C) o determinismo típico da prosa naturalista, presente tanto na projeção que Fabiano e sinha Vitória fazem a respeito do futuro de seus filhos, quanto na incapacidade de superação do meio.
- D) o forte descritivismo, que se torna mais expressivo, uma vez que a paisagem seca do cenário passa a refletir o mundo interior das personagens.

19

O recurso do discurso indireto livre, que se caracteriza por misturar as vozes do narrador e das personagens sem demarcar precisamente seus limites, foi empregado com ênfase ao longo do romance *Vidas secas*.

A respeito desse procedimento linguístico presente no fragmento destacado, é possível afirmar que

- A) na frase “Menino é bicho miúdo, não pensa” (linhas 18 e 19), o emprego do discurso indireto livre traduz o estado mental da personagem conservando a vivacidade do estilo direto.
- B) a frase “Em que estariam pensando?” (linhas 17 e 18), atribuída a sinha Vitória, empregada desvinculadamente do verbo *dicendi*, exemplifica o discurso indireto livre.
- C) a manutenção do registro da fala de sinha Vitória “Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias” (linhas 13 e 14), transcrita em seu próprio nome, confirma a aproximação da voz do narrador com a voz da personagem, que se confundem.
- D) em “Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos?” (linha 13), a manutenção da interrogação na sua forma originária afasta a identificação do narrador com a personagem, típica do discurso indireto livre.

20

O romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e o poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, aproximam-se porque ambos

- A) privilegiam a observação da realidade, analisando as tensões sociais que podem ser reconhecidas, sobretudo, na relação do sujeito com a natureza.
- B) são expressão de uma tendência do regionalismo modernista que problematiza a relação entre o homem e o meio a partir de uma perspectiva de cunho existencial.
- C) fixam a figura do sertanejo como um andarilho involuntário, cuja linguagem econômica dificulta a comunicação com os seu semelhantes.
- D) se desenvolvem num clima de extremo ceticismo em que o reconhecimento do real contribui para o esvaziamento da subjetividade.

21

Na frase “Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira?” (texto VII, linhas 11 e 12), o uso do acento grave indicativo de crase se justifica porque a preposição a, exigida pelo adjetivo igual, une-se ao

- A) pronome demonstrativo, que funciona como núcleo do adjunto adnominal.
- B) pronome demonstrativo, que funciona como núcleo do complemento nominal.
- C) artigo, que introduz o núcleo do complemento nominal.
- D) artigo, que introduz o núcleo do objeto indireto.

Texto VIII

Rio abaixo

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...
Quase noite. Ao sabor do curso lento
Da água, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuais o vento.

- 05 Vivo há pouco, de púrpura sangrento,
Desmaia agora o ocaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

- 10 Um silêncio tristíssimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fímbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pálido, embebido
Como um gládio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.

(BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.)

22

Em relação ao poema “Rio abaixo”, é possível afirmar que

- A) a recorrência da personificação colabora para construir o cenário frio e distante típico do Parnasianismo.
- B) a personificação da paisagem neutraliza resquícios do sentimentalismo romântico ao transferir para a natureza o estado de espírito do eu lírico.
- C) a incidência de uma palavra indica a inserção do eu lírico na paisagem, rompendo com o distanciamento tipicamente parnasiano.
- D) o descritivismo parnasiano se impõe de forma objetiva, retratando positivamente a paisagem que se modifica.

23

Nos fragmentos transcritos do poema “Rio abaixo”, os termos sublinhados apresentam idêntica classificação morfológica e funcionam como núcleos nominais de uma mesma função sintática, EXCETO em:

- A) “Curva os bambuais o vento.” (v. 4).
- B) “Desmaia agora o ocaso.” (v. 6).
- C) “Rola o rio a tremer, de vaga em vaga.” (v. 8).
- D) “Rasga o seio do rio adormecido.” (v. 14).

24

Quanto ao aspecto formal, é possível afirmar-se, em relação ao poema “Rio abaixo”, que

- A) o esquema rímico fixo se constrói a partir de rimas intercaladas nos quartetos e alternadas nos tercetos.
- B) a sintaxe complexa, marcada pelo excesso de inversões sintáticas, é uma característica parnasiana presente no poema.
- C) a regularidade métrica defendida pelos parnasianos é rompida pela alternância de versos decassílabos e dodecassílabos.
- D) a incidência maior de hipérbatos ocorre nos dois tercetos, enfatizando a complexidade sintática presente no poema.

Texto IX

Sermão da Primeira Domingo do Advento (fragmento)

Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com olhos abertos e, ainda os cegos, como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhes que os montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam são eles.

(...) Todos vamos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na nau uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma coisa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente vamos passando sempre, e avizinhandose cada um ao seu fim; porque tu, conclui Ambrósio, dormes, e o teu tempo anda: *Tu dormis, et tempus tuum ambulat*. Disse pouco em dizer que o tempo anda, porque corre e voa; mas advertiu bem em notar que nós dormimos; porque tendo olhos abertos para ver que tudo passa, só para considerar que nós também passamos, parece que os temos fechados.

Considerando este contínuo passar do homem (não fora de si, senão onde verdadeiramente parecer que está e permanece, que é dentro de si mesmo) diziam os sábios da Grécia, como refere Eusébio Cesariense, que todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infância à puerícia, morre a infância; passando da puerícia à adolescência, morre a puerícia; passando da adolescência à juventude, morre a adolescência; passando da juventude à idade do varão, morre a juventude; passando da idade do varão à velhice, morre a idade do varão; e, finalmente, acabando de viver por tanta continuação e sucessão de morte, com a última, morre a velhice. (...) Se o sol, que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento, e um novo ocaso, quanto mais o homem por sua natural inconstância tão mutável, que nenhum é hoje o que foi ontem, nem há de ser amanhã o que é hoje!

(VIEIRA, Antônio. “Sermão da Primeira Domingo do Advento” In: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. São Paulo: Editora Três, 1974.)

25

Padre Antônio Vieira, vigoroso sermonista barroco e exímio artista da palavra, constrói sua prosa valendo-se de inúmeros artifícios retóricos postos a serviço do pensamento crítico.

Tendo em vista a afirmativa, assinale a opção em que a análise está de acordo com o fragmento lido do “Sermão da Primeira Domingo do Advento”.

- A) Percebe-se o distanciamento do estilo da oratória sagrada que favorece e requer a repetição progressiva e lógica visando à síntese unificadora.
- B) O orador complexo e sutil mostra-se mais cultista do que conceptista na sua crítica ao comportamento cego do homem diante da vida transitória.
- C) A metáfora, uma das linhas básicas da arte compositiva dos sermões de Vieira, faz-se presente nas imagens da “nau”, do “vento”, do “porto” e do “sol”.
- D) As tensões entre vida e morte, acentuadas pelo passar do tempo, unificam-se numa síntese capaz de estabelecer uma conclusão lógica acerca do comportamento do homem.

26

Em relação ao processo de formação da palavra velocissimamente, é INCORRETO afirmar que

- A) deriva de palavra atemática.
- B) possui radical alomórfico.
- C) apresenta vogal de ligação.
- D) se forma por acréscimo de afixos.

Texto X

Vestida de preto

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre. Depois do amor grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que frequentava a nossa casa. [...]

05 Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornaram mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. [...]

E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. [...]

10 Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.

15 Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio. [...]

O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à força provocado por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozzo.

Dez, treze, quatorze anos... Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo. [...]

20 Esse ano até fora uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando enxerguei a saparia na varanda e Maria entre os demais. Passei bastante encabulado, todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba, me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente alegre de bom-dia, e fui no escritório pegado, esconder os livros na escrivaninha de meu pai. Ia já voltar para o meio de todos, mas Matilde, a peste, a implicante, a deusa estúpida que Tia Velha perdia com suas

25 preferências:

— Passou seu namorado, Maria.

— Não caso com bombeado — ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão feia, que parei estarrecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não gostava mais de mim. Bobo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar. [...]

30 Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: Pus tal firmeza em não amar Maria mais, que nem meus

pensamentos me traíram. De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar o meu jeito de “perdido”, o cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiara gostando de estudar. [...]

35 Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada europeia com o secretário chique seu marido. [...]

Foi quando uns cinco anos depois, Maria estava pra voltar pela primeira vez ao Brasil, a mãe dela, queixosa
40 de tamanha ausência, conversando com mamãe na minha frente, arrancou naquele seu jeito de gorda desabrida:

— Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis!... e agora ela vive longe de nós.

Pela terceira vez fiquei estarecido neste conto. Percebi tudo num tiro de canhão. Percebi ela doidejando, noivando com um, casando com outro, se atordoando com dinheiro e brilho. Percebi que eu fora uma besta, sim agora que principiava sendo alguém, estudando por mim fora dos ginásios, vibrando em versos que muita gente já
45 considerava. E percebi horrorizado, que Rose! nem Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco! [...]

Bom, tinha que visitar Maria, está claro, éramos “gente grande” agora. Quando soube que ela devia ir a um banquete, pensei comigo: “ótimo, vou hoje logo depois de jantar, não encontro ela e deixo o cartão”. Mas fui cedo demais. [...]

Contemplando a gravura cor-de-rosa, senti de supetão que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria estava
50 na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amor, não insisto. Mas se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de preto vestida, fantasticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido.

— Ao menos diga boa-noite, Juca...

“Boa-noite, Maria, eu vou-me embora”... meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem que nos
55 tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo, me cedendo tudo quanto eu queria, naquele se deixar olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo, toda vestida de preto. Um segundo, me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em mim os instintos da perfeição. Balbuciei afinal um boa-
60 -noite muito indiferente, e as vozes amontoadas vinham do hol, dos outros que chegavam.

Foi este o primeiro dos quatro amores eternos que fazem de minha vida uma grave condensação interior. Sou falsamente um solitário. Quatro amores me acompanham, cuidam de mim, vêm conversar comigo. Nunca mais vi Maria, que ficou pelas Europas, divorciada afinal, hoje dizem que vivendo com um austríaco interessado em feiras internacionais. Um aventureiro qualquer. Mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.

(ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.)

27

Os escritores da 1ª fase do Modernismo defendem, como um dos princípios basilares da nova estética, a utilização de uma linguagem transgressora e inovadora capaz de consubstanciar a expressão de liberdade formal perseguida por esse movimento.

Assinale a alternativa que está em DESACORDO com tal proposta.

- A) “Namorava com Deus e todo mundo (...)” (linha 35).
- B) “(...) ela estava se entregando a mim (...)” (linha 55).
- C) “(...) não tinha dúvida nenhuma (...)” (linha 28).
- D) “(...) ela devia ir a um banquete (...)” (linhas 46 e 47).

28

As orações coordenadas e as subordinadas desempenham, nos enunciados concretizados, funções sintáticas, semânticas e/ou discursivas.

Assinale a alternativa em que esteja presente uma oração modalizadora.

- A) “Acho que até não consigo contar bem claro o que sucedeu.” (linhas 30 e 31).
- B) “O beijo me deixara completamente puro (...)” (linhas 10 e 11).
- C) “Tanto andam agora preocupados em definir o conto (...)” (linha 1).
- D) “Percebi tudo num tiro de canhão.” (linha 42).

29

Em relação aos planos temporais construídos no conto, marque a única afirmativa verdadeira.

- A) O plano que retrata o passado, na narrativa, é marcado por verbos no pretérito perfeito do indicativo.
- B) O plano que apresenta natureza histórica, nesse conto, é construído pelo pretérito imperfeito do indicativo.
- C) O plano que traduz a consciência do narrador acerca do fazer literário utiliza o presente do indicativo.
- D) O plano que recupera pela memória o ponto de vista do narrador é o pretérito imperfeito do indicativo.

30

Os verbos, em língua portuguesa, podem distinguir-se pela modalidade com que expressam as atitudes do enunciador ou por sua natureza aspectual, reveladora dos eventos ou estados denotados. No fragmento “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não (...) (linha 1)”, retirado do texto X, a primeira ocorrência verbal apresenta aspecto

- A) inceptivo.
- B) resultativo.
- C) permansivo.
- D) durativo.

Texto V

Boa-Noite

*Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier,
Crois-mois, cher ami, c'était le rossignol.*
SHAKESPEARE¹

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... Pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama *nos jardins do Capuleto*,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
"É noite ainda em teu cabelo preto..."

É noite ainda! Brilha na cambraia
— Desmanchado o roupão, a espádua nua —
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Recende a alcova ao trescalar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
— São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

¹"Queres partir? O dia está longe;/ Era o rouxinol e não a cotovia/ Cujo canto feriu teu ouvido inquieto/ Toda noite ele canta nos galhos da romanzeira/ Acredita-me, amor, era o rouxinol."

INSTRUÇÕES

1. Material a ser utilizado: caneta esferográfica de tinta azul ou preta. Não é permitido o uso de corretores. Os objetos restantes devem ser colocados em local indicado pelo fiscal da sala, inclusive aparelho celular desligado e devidamente identificado.
2. Não é permitido ao candidato entrar e/ou permanecer no local de exame com armas ou utilizar aparelhos eletrônicos (agenda eletrônica, *bip*, gravador, *notebook*, *pager*, *palmtop*, receptor, telefone celular, *walkman*, MP3 *Player*, *Tablet*, *Ipod*, relógio digital e relógio com banco de dados) e outros equipamentos similares, bem como protetor auricular.
3. Durante a prova, o candidato não deve levantar-se, comunicar-se com outros candidatos.
4. A duração da prova é de 05 (cinco) horas, já incluindo o tempo destinado à entrega do Caderno de Provas e à identificação – que será feita no decorrer da prova – e ao preenchimento do Cartão de Respostas (Gabarito) e Folhas de Texto Definitivo (Discursivas).
5. Somente em caso de urgência pedir ao fiscal para ir ao sanitário, devendo no percurso permanecer absolutamente calado, podendo antes e depois da entrada sofrer revista através de detector de metais. Ao sair da sala no término da prova, o candidato não poderá utilizar o sanitário. Caso ocorra uma emergência, o fiscal deverá ser comunicado.
6. O Caderno de Provas consta de 30 (trinta) questões de múltipla escolha e 04 (quatro) questões discursivas. Leia-o atentamente.
7. **As questões das provas objetivas são do tipo múltipla escolha, com 04 (quatro) opções (A a D) e uma única resposta correta.**
8. Ao receber o material de realização das provas, o candidato deverá conferir atentamente se o Caderno de Provas corresponde ao curso a que está concorrendo, bem como se os dados constantes no Cartão de Respostas (Gabarito) e Folhas de Texto Definitivo (Discursivas) que lhe foram fornecidos estão corretos. Caso os dados estejam incorretos, ou o material esteja incompleto, ou tenha qualquer imperfeição, o candidato deverá informar tal ocorrência ao fiscal.
9. Os fiscais não estão autorizados a emitir opinião e prestar esclarecimentos sobre o conteúdo das provas. Cabe única e exclusivamente ao candidato interpretar e decidir.
10. O candidato poderá retirar-se do local de provas somente a partir de 2 (duas) horas após o início de sua realização, contudo, não poderá levar consigo o Caderno de Provas, sendo permitida essa conduta apenas no decurso dos últimos 60 (sessenta) minutos anteriores ao horário previsto para o seu término.

RESULTADOS E RECURSOS

- As provas aplicadas, assim como os gabaritos preliminares das provas objetivas serão divulgados na *Internet*, no site **www.idecan.org.br**, a partir das 16h00min do dia subsequente ao da realização das provas.

- O candidato que desejar interpor recursos contra o gabarito da parte objetiva da prova escrita e o resultado provisório da parte discursiva da prova escrita disporá de **2 (dois) dias úteis**, a partir das respectivas divulgações, utilizando o endereço eletrônico do IDECAN (www.idecan.org.br), seguindo as instruções ali contidas.